

A MULTIDIMENSIONALIDADE DO CONCEITO DE BEM-ESTAR

Data de submissão: 29/05/2023

Data de aceite: 03/08/2023

Ivana Leila Carvalho Fernandes

Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente/
Universidade Federal do Ceará/
PRODEMA- UFC
Fortaleza – Ceará
<http://lattes.cnpq.br/5962765710501921>

públicas, bem como, para alcançar novos paradigmas de desenvolvimento global.

PALAVRAS-CHAVE: Bem-estar. Desenvolvimento. Políticas públicas.

THE MULTIDIMENSIONALITY OF THE WELL-BEING CONCEPT

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo abordar as dimensões do conceito de bem-estar e as considerações teórico-metodológicas adotadas no processo de mensuração do mesmo. Através de revisão literária articula sistematicamente as partes que compõe o bem-estar enquanto medida que capta de modo peculiar, elementos capazes de contribuir com o desenvolvimento de populações em diferentes contextos socioeconômicos. A conclusão é de que o conceito se modifica absorvendo questões temporais em cada realidade, podendo considerar efeitos de acontecimentos históricos gerados por questões sociais, crises econômicas, climáticas e sanitárias no mundo. Assim sendo, necessita atenção de organizações governamentais, não-governamentais e de populações diferentes para o alcance de sua eficácia no campo das políticas

ABSTRACT: This work aims to address the dimensions of the concept of well-being and the theoretical-methodological considerations adopted in the process of measuring it. Through a literary review, it systematically articulates the parts that make up well-being as a measure that captures, in a peculiar way, elements capable of contributing to the development of populations in different socioeconomic contexts. The conclusion is that the concept is modified by absorbing temporal issues in each reality, being able to consider the effects of historical events generated by social issues, economic, climatic and health crises in the world. Therefore, it needs the attention of governmental and non-governmental organizations and different populations to reach its effectiveness in the field of public policies, as well as to reach new paradigms of global development.

KEYWORDS: Well-being. Development.

1 | INTRODUÇÃO

O sentido do bem-estar envolve diferentes concepções na construção do seu significado, favorecendo a geração de medidas que expressam dimensões da vida humana, tais como: saúde, educação, lazer, trabalho e aspirações que as pessoas possuem.

Nessa perspectiva, a agenda das políticas públicas no nível local e global tem retratado o bem-estar como pauta nos debates sobre melhorias das condições de vida das populações em geral. De modo que, a ONU incluiu na Agenda 2030, no âmbito dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), precisamente no ODS3, a proposta de “Garantir vidas saudáveis e promover o bem-estar para todos em todas as idades” (FERNANDEZ, 2020).

Cabe destacar o interesse de instituições governamentais e não-governamentais, bem como, de pesquisadores e avaliadores de políticas sobre o tema, tendo em vista o impacto do bem-estar no desenvolvimento global.

A propósito, a preocupação com o bem-estar decorre do modelo de desenvolvimento hegemônico adotado historicamente pelas nações, tendo como foco o crescimento econômico. De modo que, na segunda metade do século XX, a maioria dos países possuía expressivo crescimento econômico, o que provocou a agenda política internacional a discutir os limites do desenvolvimento em curso, tal postura fez surgir novas reflexões sobre esta situação.

Assim sendo, a noção sobre bem-estar passou a agregar elementos fundamentais para a condição humana além do bem-estar material, sofrendo mudanças históricas na construção de seu significado. Nesse ínterim, o termo bem-estar passou a ser pauta central de eventos internacionais que retratavam as condições de vida das populações do planeta, considerando questões multidimensionais do bem-estar humano. Com isso, o conceito acompanhou a dinâmica de transformações globais resultantes da relação entre humanidade e meio ambiente, bem como as implicações destas no desenvolvimento das nações.

Nessa perspectiva, pretende-se neste trabalho abordar sobre o conceito de bem-estar a partir de aspectos basilares considerados na composição de índices representativos do mesmo. Logo, pode-se afirmar que esta revisão de literatura contribui para o debate público sobre bem-estar e para fomentar reflexões acadêmicas sobre a relação entre bem-estar, políticas públicas e desenvolvimento global.

A estrutura do texto conta com quatro sessões, sendo: i) Introdução; ii) Elementos integrantes do bem-estar com base em Meadows e Prescott Allen; iii) Índices gerais para mensuração do bem-estar; e, iv) Considerações Finais.

2 | ELEMENTOS INTEGRANTES DO BEM-ESTAR COM BASE EM MEADOWS E PRESCOTT ALLEN

A abordagem do bem-estar articula indicadores relacionados a questões diversas que permeiam a realidade de vida das pessoas em diferentes contextos, sendo representadas nas ideias de estudiosos do Tema, com destaque para ideologias basilares que contribuem para a compreensão do bem-estar, tais como Pirâmide de Meadows e Barômetro de Sustentabilidade.

Cabe destacar que inicialmente a teoria da Pirâmide de Meadows foi idealizada como o “Triângulo de Daly”, por um grupo de cientistas em Workshop realizado na Holanda em 1996, aperfeiçoado e demonstrado posteriormente como o modelo da Pirâmide de Meadows. A proposta se fundamenta na interligação entre bem-estar, economia e recursos naturais, com a proposição de indicadores que apontem para a saúde da natureza e para o bem-estar humano. Sendo exposta a partir do desenho de uma pirâmide onde as partes são compostas por diferentes dimensões da vida humana (MEADOWS, 1998), como mostra a Figura 1.

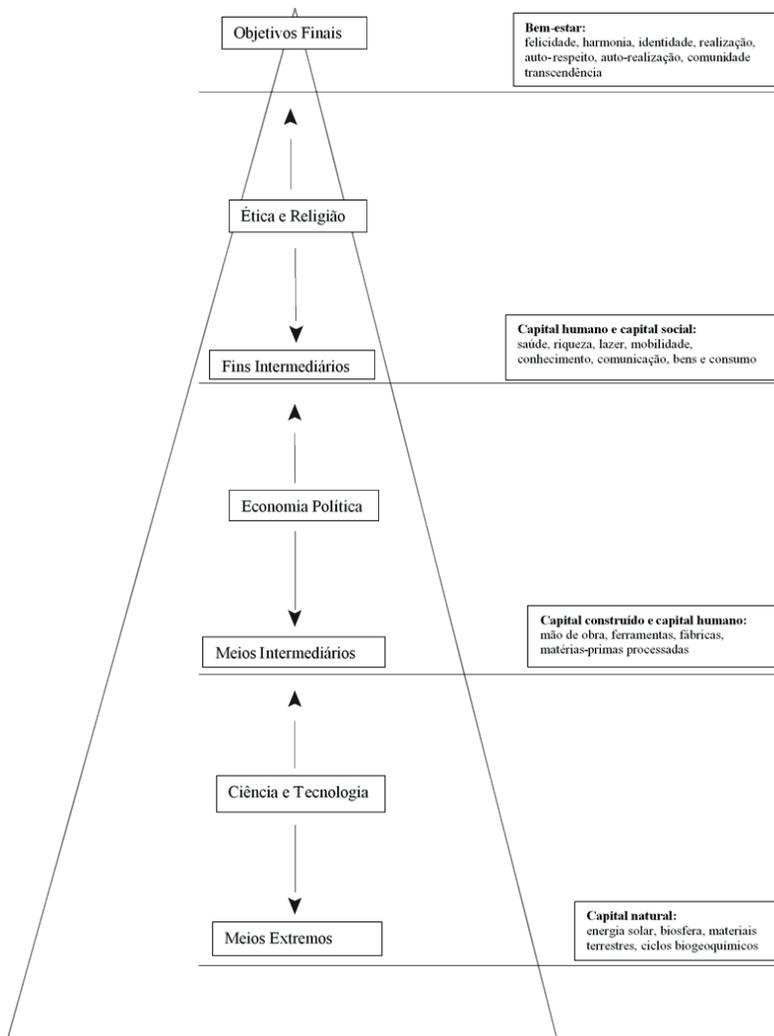


Figura 1 – Abordagem do Bem-estar com base na ideia da Pirâmide de Meadows

Fonte: Adaptado de Meadows, 1998.

No modelo da Pirâmide de Meadows, observa-se que a base é representada por “Meios Extremos” que constituem os fundamentos da vida humana e a da economia (o que envolve todos os recursos naturais). A segunda parte da pirâmide é composta pelos “Meios Intermédiários” o que inclui capital produzido, capital humano e material de produção (máquinas, ferramentas, fábricas).

Outra parte agrega os “Fins intermediários” que envolvem objetivos prometidos pelo governo e que a economia espera atingir (saúde, riqueza, lazer, conhecimento, bens de consumo). No topo da pirâmide estão concentrados os objetivos finais que concentram intenções subjetivas diversas, que se pretende atingir na vida (MEADOWS, 1998).

Nesta lógica, considerando diferentes dimensões de análises, o pesquisador Prescott-Allen (2001), avaliou que o bem-estar é uma condição na qual todos os membros da sociedade são capazes de satisfazer suas necessidades, e tem uma grande variedade de opções e oportunidades para desenvolver e desempenhar seu potencial. Esta definição baseia-se na ideia de desenvolvimento humano promovida pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas.

Prescott-Allen (2001) em conjunto com outros pesquisadores apresentaram um sistema de avaliação de Bem-Estar, denominado de Barômetro da Sustentabilidade, este se associa à questão da sustentabilidade ambiental, que agrega a dimensão humana e a ambiental no processo de análise. O objetivo principal do método é encontrar indicadores que expressem esta relação. Nessa perspectiva, a medida de bem-estar humano pode agregar dimensões e elementos fundamentais a serem considerados em uma análise abrangente do bem-estar, conforme demonstra o Quadro 1.

PESSOAS									
SAÚDE E POPULAÇÃO		RIQUEZA		CONHECIMENTO E CULTURA		COMUNIDADE		EQUIDADE	
Saúde	População	Riqueza local	Riqueza nacional	Conhecimento	Cultura	Liberdade e Governo	Paz e Ordem	Equidade local	Equidade entre gêneros

Quadro 1– Dimensões do bem-estar humano no Barômetro da Sustentabilidade

Fonte: Adaptado de Prescott-Allen, 2001.

De acordo com o Quadro 1, o bem-estar humano apresenta cinco dimensões e dez elementos, distribuídos da seguinte forma: 1. Saúde e População (saúde/população); 2. Riqueza (riqueza local/riqueza nacional); 3. Conhecimento e Cultura (conhecimento/cultura); 4. Comunidade (liberdade e governo/paz e ordem); 5. Equidade (equidade local/equidade entre gêneros). Em uma análise de bem-estar, as dimensões serão consideradas como fixas (humanas e ambientais), porém os elementos de cada uma, podem variar, isso dependerá do contexto investigado.

Para Van Bellen (2002) um sistema como este, permite que a avaliação seja ajustada às condições e às necessidades locais, ao mesmo tempo em que permite a comparação com outras iniciativas. Tendo em vista que, as dimensões são amplas o suficiente para acomodar a maioria das preocupações das sociedades atuais, sendo que qualquer questão considerada importante para o bem-estar da sociedade e do meio ambiente tem seu lugar dentro de uma das dimensões. Cada dimensão pode incluir uma variedade de questões, como retratam os Quadros 1 e 2.

Assim sendo, o Quadro 2 demonstra a medida que investiga o ecossistema, agregando cinco dimensões com seus respectivos elementos.

ECOSSISTEMA									
TERRA		ÁGUA		AR		ESPÉCIES		UTILIZAÇÃO DE RECURSOS	
Diversidade	Qualidade	Águas internas	Mar	Qualidade do ar local	Atmosfera global	Diversidade de Espécies	Equidade local	Energia e materiais	Recursos de setores produtivos

Quadro 2 – Dimensões do ecossistema a considerar no contexto do bem-estar

Fonte: Adaptado de Prescott-Allen, 2001.

Desse modo, o meio ambiente é composto pelas seguintes dimensões: Terra (diversidade e qualidade das florestas, cultivo e outras áreas incluindo modificação, conversão e degradação), Água (Diversidade e qualidade das águas), Ar (qualidade do ar, condição da atmosfera global), Espécies (diversas espécies selvagens, populações e diversidade genética), Utilização de Recursos (Energia, produção de dejetos, reciclagem, pressão a agricultura, pesca e mineração).

Apesar de desenvolver análises distintas entre as dimensões do bem-estar humano e do ecossistema, Prescott-Allen (2001) assegura que a relação humana está imbricada a realidade ambiental, pois, é o ecossistema quem envolve e promove a vida humana. Vale destacar, que as análises apresentam desafios técnicos a serem enfrentados, pois, é necessário um diagnóstico a nível local. Assim, é imprescindível considerar todos os aspectos humanos e ambientais para a compreensão da realidade tomada para análise. Isto inclui questões ligadas a problemas sociais, como fome, crises sanitárias, crises econômicas, catástrofes ambientais, entre outras, considerando o contexto histórico em que se vive.

Van Bellen (2002) acrescenta que as dimensões definidas em análises de bem-estar devem englobar conceitos além de técnicos, igualmente importantes e facilmente combináveis para prover composição de índices que representem a realidade investigada.

Nessa perspectiva, diversas medidas foram propostas para mensurar o bem-estar humano por diferentes pesquisadores e instituições, como mostra o item a seguir.

3 | ÍNDICES GERAIS PARA MENSURAÇÃO DO BEM-ESTAR

A primeira medida que buscou expressar a situação de vida das pessoas, corresponde ao conceito do PIB (Produto Interno Bruto) ou PNB (Produto Nacional Bruto). O termo foi apresentado por Simon Kuznets na década de 1930, através do Departamento do Comércio Americano, com a intenção de demonstrar a primeira mensuração da renda nacional.

O PIB permite medir o fluxo de riqueza, realizar comparações sobre o aspecto econômico no tempo para o mesmo país, e entre diversos países, ou seja, saber quem produz mais e quem tem maior fluxo de riqueza, o que possibilita análises e estratégias

com relação a desemprego e renda (BONFIM, 2012).

Todavia, Kuznets (1933) advertiu que apesar da sua relevância, o PIB não representava uma medida propriamente adequada para a mensuração do bem-estar, pois uma medida de bem-estar deveria ter como base sentimentos subjetivos, cuja comensurabilidade para vários indivíduos deveria ser questionada e cuja relação com a medida da produção de bens e serviços finais não seria, no presente estado da arte, determinada com a necessária precisão (CYSNE, 2010).

Assim, o PIB como medida de bem-estar recebeu severas críticas de pesquisadores e instituições internacionais, como Nordhaus e Tobin (1972), do Net National Welfare Committee (1973) no Japão e de Zolotas (1981), que através de suas investigações chegaram à conclusão de que o PIB poderia servir como uma medida de bem-estar apenas em representações econômicas específicas mas não em geral (HELD *et al.*, 2018).

Cysne (2010) acrescenta que as críticas atravessaram o século, já que o PIB não inclui aspectos fundamentais ao bem-estar de uma nação, tais como a convivência pacífica com os demais povos; o valor e a qualidade do lazer; a segurança pessoal e a convivência pacífica interna; a saúde da população; a integridade do patrimônio natural (rios, lagos, florestas, etc).

Tomando as deficiências do PIB na mensuração de bem-estar, outros índices tentam capturar as consequências das atividades econômicas sobre o bem-estar em uma forma mais abrangente, especialmente no que diz respeito aos aspectos sociais e ambientais.

É o caso, por exemplo, do índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) criado em Butão por Jigme Singya Wangchuck no ano de 1972, teve reconhecimento de diversos países por considerar que o indivíduo tem necessidades materiais, espirituais e emocionais, e que o Desenvolvimento devia ser entendido como um processo que busca maximizar a Felicidade, em vez do crescimento econômico (BUTHAN, 1999).

Já o Índice de Bem-Estar Econômico Sustentável (*Index of Sustainable Economic Welfare - ISEW*), apresentado pela primeira vez em Daly e Cobb (1989) mede o desempenho econômico de uma nação a partir de vinte indicadores, agregando medidas convencionais, como o crescimento dos investimentos de capital, com elementos sociais e ambientais, como, por exemplo, a distribuição da renda; o trabalho doméstico; a poluição do ar e da água; a degradação do solo agrícola; e a perda de recursos naturais.

Ou seja, inclui as questões econômicas distributivas e uma série de variáveis ambientais e sociais que possuem um peso importante para o bem-estar (HELD *et al.*, 2018). Diversos países adotaram o ISEW com o objetivo de construir um índice de bem-estar social com uma proposta metodológica mais consistente do que o PIB e, também porque permite comparações entre países através de um método homogêneo (FOLHES; VIANA; MAYORGA MERA, 2010). Este índice passou a uma nova versão desenvolvida por Cobb e Cobb (1994) conhecida por Índice de Genuíno Progresso (IGP).

Dentre os índices que buscaram por percepções mais abrangentes do bem-estar,

houve destaque para a criação do Índice do Desenvolvimento Humano (IDH), gerado pela ONU a partir das ideias de Amartya Sen. O índice foi criado na década de 1990, por Mahbub ul Haq, com o propósito de medir os níveis relativos de desenvolvimento de todos os países do mundo, nos objetivos de desenvolvimento, e não nos meios para alcançá-lo. Esses propósitos estão ligados ao fortalecimento de certas capacidades relacionadas com uma série de coisas que uma pessoa pode ser e fazer em sua vida. Para tanto, o IDH incorpora em suas análises dimensões como educação, longevidade e renda (CEJUDO CORDOBA, 2007).

O IDH tem permitido a construção de modelos visuais que facilitam a comparação dos níveis de desenvolvimento humano entre países e a consequente elaboração do *ranking* mundial de desenvolvimento humano. Apesar das vantagens do índice, identificam-se críticas sobre a definição de três dimensões para avaliar o desenvolvimento humano, desconsiderando questões específicas de cada local, como particularidades regionais, hábitos de consumo e satisfações pessoais (GUIMARÃES; JANUZZI, 2005).

Acrescenta-se que além das análises de estudiosos do assunto, alguns países foram protagonistas na criação de índices locais de bem-estar, de modo que obtiveram reconhecimento internacional. É o caso da Tailândia, Japão e dos países da América Latina inseridos nos programas do *Buen Vivir*. Somam-se a isto, as estratégias criadas pelo Reino Unido, Canadá e Austrália que vem desenvolvendo esforços para garantir políticas sociais com foco no bem-estar de suas populações (MCGREGOR *et al.*, 2014).

Acrescenta-se que outras propostas foram criadas, apesar de pouca repercussão entre os estudiosos do tema, tais como: o índice de Qualidade de Vida Física desenvolvido por Morris (1979) leva em conta a expectativa de vida, mortalidade infantil e alfabetização. O Índice de Qualidade de Vida de Dasgupta e Weale (1992) propõe o acréscimo de liberdades civis e direitos políticos ao IDH. O índice de Economia do Bem-Estar de Osberg e Sharpe (1998) é semelhante, embora também leve em consideração aspectos econômicos do bem-estar negligenciados pelo PIB *per capita*, como estoques de produção, distribuição de renda desigual e incertezas sobre rendimento futuro (BERENGER; VERDIER-CHOUCHANE, 2007).

Diante disso, o Quadro 3, destaca as principais abordagens teórico-metodológicas criadas para expressar o bem-estar, entre os principais indicadores usados pela ONU e métodos de análise e avaliações desenvolvidos (as) por pesquisadores que apresentaram significativas contribuições nesse campo.

Indicador/ Método	Idealizador (es)	Proposta inicial	Contexto atual
PIB	Simon Kuznets/1933	Mensurar a renda interna de um país. ¹	Permite medir o fluxo de riquezas de dadas regiões, bem como estabelecer comparações entre elas; Aumento do PIB <i>percapita</i> está relacionado ao aumento do bem-estar.
IFB	Jigme Singya Wangchuck/1972	Mensurar o desenvolvimento a partir das necessidades materiais, espirituais e emocionais com foco na felicidade das sociedades. ²	Análise da felicidade como expressão de bem-estar considerando dimensões diversas como sociais, materiais, ambientais e espirituais do tempo de forma equilibrada.
ISEW/GPI	Daly e Cobb/1989	Medir o desempenho econômico de um país, agregando elementos econômicos, sociais e ambientais. ³	Permite medir o bem-estar de regiões a partir de diferentes dimensões, além de facilitar comparações entre elas.
IDH	Mahbud Ul Haq/1990	Mede os níveis relativos de desenvolvimento de todos os países do mundo, nos objetivos de desenvolvimento. ⁴	Permite mensurar o nível de desenvolvimento de uma região ou de um país a partir de amplas dimensões incorporando questões como educação e longevidade; dificuldade em considerar questões específicas de cada local.
Pirâmide de Meadows	Daly /1996	Propõe a criação de indicadores que apontem para a saúde da natureza e para o bem-estar humano. ⁵	Análise geralmente utilizada em estudo de caso, usa de diferentes dimensões para a compreensão e criação de indicadores.
Barômetro da Sustentabilidade	Prescott-Allen/2001	Propõe a criação de indicadores que melhor expressem a relação homem-natureza. ⁶	Analisa o B.E a partir da relação humano-natureza considerando as peculiaridades de cada dimensão, usada principalmente para estudo de caso.

Quadro 3 – Abordagens Teórico- Metodológicas de bem-estar: idealizadores, proposta inicial e contexto atual

Fonte: Elaboração própria, a partir das ideias dos autores descritos na nota do final desta página.

As informações sintetizadas no Quadro 3 chamam atenção para abordagens centradas na avaliação do desenvolvimento, que podem demonstrar a situação de vida das pessoas de diferentes regiões ou lugares. Destaca-se que não se pretendeu exaurir todas as possibilidades geradas sobre o assunto, mas despertar para o fato de que a ideia do bem-estar de maneira transversal, encontra-se implicitamente presente em todas as análises direcionadas ao desenvolvimento.

Acrescenta-se que há nas considerações adotadas pelos indicadores e métodos citados, um vasto campo de ideias, que, por vezes atingem muitos domínios da vida, desfocando das análises das teorias clássicas do bem-estar que focavam a utilidade e satisfações pessoais.

Nessa lógica, verifica-se que houve uma constatação por parte dos estudiosos de que o princípio econômico não provoca por si só a melhoria do bem-estar e do desenvolvimento

1 BONFIM, 2012.

2 BUTHAN, 1999.

3 HELD *et al.*, 2018; FOLHES; VIANA; MAYORGA MERA, 2010.

4 GUIMARÃES; JANUZZI, 2005.

5 MEADOWS, 1998.

6 PRESCOTT-ALLEN, 2001.

das nações. Por isso, há incessante busca por novas ideias e informações que sejam capazes de demonstrar da melhor maneira o bem-estar humano, que gere informações indispensáveis para um modelo de desenvolvimento comprometido com a vida das pessoas em diferentes situações no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de bem-estar, assim como as formas de mensurá-lo se modificam historicamente, absorvendo questões temporais em cada realidade, podendo considerar efeitos gerados por crises econômicas, climáticas e sanitárias no mundo.

Assim sendo, a análise plena do bem-estar só ocorre se realizada de forma holística, no que tange as dimensões da vida humana, desse modo, para mensurá-lo importa considerar processos participativos entre instituições governamentais e não-governamentais.

Por fim, tal construção implica na geração de políticas públicas baseadas em diversos domínios da vida das pessoas, podendo impactar de modo positivo o bem-estar de diferentes populações, bem como, apresentar novos paradigmas do desenvolvimento global.

REFERÊNCIAS

BERENGER, V; VERDIER-CHOUCANE, A. Multidimensional measures of well-being: standard of living and quality of life across countries. **World Development**, v. 35, n. 7, p. 1259–1276, 2007.

BOMFIM, M, P. M. Abordagem das capacitações: um percurso histórico da felicidade nas Ciências Econômicas. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 4; ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA, 6., 2012, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: FEAUSP, 2012. 138 p.

BUTHAN. **Bhutan 2020**: A vision for peace, prosperity and happiness. Bhuthan: Planning Commission, Royal Government of Bhutan, 1999.

CEJUDO CORDOBA, R. Capacidades y libertad una aproximación a la teoría de Amartya Sen. **Revista Internacional de Sociología (RIS)**, v. 65, n. 47, p. 9-22, mayo/ago. 2007.

CYSNE, R. P. PIB, política e bem-estar. **Conjuntura econômica**, Rio de Janeiro, v. 64, p. 48-49, 22. dez. 2010.

FERNANDEZ, R. M. SDG3 Good health and well-being: Integration and connection with other SDGs. **Good Health and Well-Being**, p. 629-636, 2020.

FOLHES, M. T; VIANA, M. O. L; MAYORGA MERA, R. D. Índice de bem-estar econômico sustentável para o estado do Ceará. *In*: VEIGA, José Eli. (Org.). **Economia Socioambiental**. 1. ed. São Paulo: SENAC, 2010.

GUIMARÃES, J. R. S; JANUZZI, P. M. IDH, indicadores sintéticos e suas aplicações em políticas públicas. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, v. 7, n. 1, p. 73-90, maio. 2005.

HELD, B *et al.* The national and regional welfare index (NWI/RWI): redefining progress in Germany. **Ecological Economics**, v. 145, p. 391–400, 2018.

KUZNETS, S. **Encyclopaedia of the Social Sciences**. v. 11, p. 205-224, 1933.

MCGREGOR, J. A; SUMNER, A. Beyond business as usual: what might 3-D wellbeing contribute to MDG momentum? **IDS Bulletin**, v. 41. n. 1, p. 104–112, 2010.

MEADOWS, D. **Indicators and information systems for sustainable development**. Hartland: The Sustainability Institute, 1998.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa**. 2002. 250f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Curso de Pós - Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.